

"O escritor escreve para educar não para exhibir-se"

— AFIRMA ARRONE FIJAMO

TEXTO DE PAULO SÉRGIO ● FOTOS DE JORGE TOMÉ

O escritor Arrone Fijamo, da Zambézia, esteve durante o mês passado em Maputo, onde contactou a direcção da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) e a qual tem entregue «Ecos de Inhamitanda», uma das suas obras escritas no decorrer dos anos 60. Arrone Fijamo aponta aqui que os escritores nacionais devem conhecer os aspectos tradicionais da nossa cultura para que através das suas obras publicadas possam educar e não corromper os seus compatriotas.

Arrone Fijamo nasceu em 22 de Janeiro de 1915 em Quelimane, capital da provincia da Zambézia, onde concluiu o ensino primário nos anos 30 na Escola Missionária da Senhora do Livramento tendo depois seguido o curso de enfermagem, no qual foi graduado enfermeiro em 1937. No entanto, a par do exercício da sua profissão hospitalar, Arrone Fijamo preocupou-se em instruir-se mais através da leitura de obras literárias de autores portugueses de renome. A afeição às letras levou-o a escrever uma novela intitulada «A última ilusão da mulher amada» que, como revela, «não chegou ainda a ser publicada; mas agora tenho estado a preocupar-me em que seja editada».

Arrone Fijamo diz que «a literatura é para mim uma fonte sob

Arrone Fijamo:
«A literatura é para mim uma fonte sob a qual estou vivendo»



a qual estou vivendo. Essa fonte alargou-se quando estive preso pela PIDE porque a dor e o sofrimento que passei, de certo modo, inspiraram-me a escrever «Ecos de Inhamitanda» uma obra que, a despeito de eu ter sido vítima da PIDE, não é uma acusação (literária) a aspectos políticos e repressivos dos colonialistas, mas um livro de memórias pessoais».

Para além de ter sido desde jovem, homem das letras, Arrone Fijamo era um bom orador em língua portuguesa. Daí a consideração que lhe era dispensada pois também possuía dotes literários e era membro e vogal da então União Nacional, factos que, como aponta, «chamaram a atenção da PIDE e suscitaram certas inimizades». Foram as inimizades que o



Capa da colectânea de crónicas de viagem pela Zambézia, escritas por Arrone Fijamo e publicadas em 1961

levaram a ser vítima daquela polícia política porque como explica «em 1961 tinha publicado um livro de crónicas de viagem denominado **Impressões de uma viagem** com o apoio do então Governador-Geral de Moçambique, e eu era um dos secretários da direcção da Associação Humanitária Africana da Zambézia (que fora fundada em 1950) e os meus adversários pessoais fizeram intrigas políticas aproveitando-se do facto de na altura se falar da FRELIMO».

Arrone Fijamo não se vê a si próprio como preso político das então autoridades coloniais em Moçambique. Mas, como nunca lhe foram explicadas as razões da sua detenção pela PIDE, não afasta tal hipótese uma vez que, como refere, «embora não tivesse contribuído materialmente para o triunfo da luta travada pela FRELIMO, eu como moçambicano, do ponto de vista moral, não podia deixar de pertencer à linha que marchava a favor da independência nacional».

•CONVÍVIOS PROPICIAM FRATERNIDADE E VIDA CULTURAL»

Para Arrone Fijamo «o convívio e o trabalho social em benefício das pessoas necessitadas, quer crianças órfãs ou não, quer viúvas,



Literatura moçambicana: «O escritor deve escrever para educar». (Foto: Arquivo)

como velhos e famílias muito pobres, é que permitem a apreciação dos factos na sociedade e propiciam a fraternidade e a vida cultural». Um exemplo disso, aponta, «é a Associação Humanitária Africana da Zambézia que em pleno período colonial era bem aceite pelas pessoas».

Assim, um pouco à luz da experiência artística e literária ligada por aquela associação, na Zambézia surgiu em 1982 um núcleo de escritores e artistas que encoraja a realização de eventos culturais e artísticos junto da Casa de Cultura e do emissor da Rádio Moçambique e dinamiza a vida literá-

ria daquela região do nosso país. No campo literário, aquele núcleo possui um grupo de jovens e velhos escritores que regularmente divulgam através de um espaço cultural chamado **aquário** as suas obras de poesia, conto e drama que por várias vezes são aproveitadas para o preenchimento de programas culturais de rádio.

Falando desses jovens e velhos literatos, Arrone Fijamo frisa que «os candidatos a escritores na Zambézia, tal como eu, querem ser bons escritores», adiantando que na sua opinião «nascerão na Zambézia bons escritores porque os que agora aprendem a escrever

escrevendo, demonstram talento para o desempenho das letras e o público, quando começar a ler os livros deles que forem publicados, há-de certamente gostar». Por enquanto, como observa, «os escritores da Zambézia precisam de ter um clube ou centro onde possam reunir e debater assuntos sociais e culturais, e questões sobre o amor, a linguística e a filosofia para que tenham ideias e temas que lhes suscitem a inspiração de escrever novelas, romances e ensaios».

Num recinto onde os candidatos a escritores poderão conviver e discutir, segundo Arrone Fijamo, «os jovens apaixonados pela literatura poderão adestrar-se na arte de escrever, libertando-se do espírito que, ou por razões hereditárias ou por fraca capacidade de comunicação literária, não os predispõe à laboração de obras literárias».

«DEVEMOS SER INTÉRPRETES
DOS VALORES CULTURAIS
NACIONAIS»

Arrone Fijamo pertence à geração etária de escritores como Noémia de Sousa, José Craveirinha e Marcelino dos Santos entre outros que, segundo as suas palavras, «são verdadeiros poetas veiculados à causa da revolução». Ele escreve poesia. Mas a sua aposta reside na novela e no romance, onde «sob o gozo de escrever sobre factos da vida, da experiência pessoal vivida ou compartilhada procuro mostrar aspectos políticos, contestatários e de deleite».

Um aspecto da reunião entre escritores congregados no Núcleo de Escritores da Zambézia, em Quelimane. Reconhece-se Arrone Fijamo, o segundo da direita para a esquerda. (Foto: Azevedo Lázaro)



Assim, tendo em conta que os moçambicanos sofrem influências dos meios urbano, semiurbano e rural, o velho escritor Arrone Fijamo advoga que «a literatura moçambicana deve ser acessível porque se o nosso povo gosta de ler; no fundo, ainda prefere ver textos acompanhados de imagens ou fotos». Nessa ordem de ideias, como observa «a poesia é lida mas não é entendida. E só uma prosa que chame à atenção pelos temas que aborda e pelo estilo e técnica simples de comunicação é que pode a curto ou longo prazos despertar nas pessoas o engodo pela leitura».

Reconhecendo que «a produção editorial pela via da AEMO emergiu muito espontaneamente e vai



«Os candidatos a escritores na Zambézia, tal como eu, querem ser bons escritores»

crescer no sentido de valorizar a edição da literatura que satisfaça o povo», Arrone Fijamo defende o ponto de vista de que «os es-



Arrone Fijamo: «A produção editorial pela via da AEMO emergiu muito espontaneamente e vai crescer no sentido de valorizar a edição da literatura para que satisfaça o povo»

critores moçambicanos devem ter a consciência de que escrevem não só para a gente das cidades mas também para a do campo que se vai livrando do analfabetismo». Por isso, como diz, «os jovens escritores devem conhecer os aspectos positivos das nossas tradições ancestrais bem como a literatura oral (adivinhas, contos e provérbios), as tragédias africanas, os mitos e os sentimentos e amores da gente da nossa terra, para que os possam reportar numa ou noutra obra, porque o escritor moçambicano deve escrever para educar e não para exibir-se escrevendo factos que induzem as pessoas à malandrice e à imoralidade».

Na opinião de Arrone Fijamo, «da mesma forma que nos preocupamos em ter os nossos direitos de autor respeitados e defendidos, devemos ser intérpretes dos valores culturais nacionais para sermos úteis às gerações vindouras».

Sobre a utilização de língua nacionais na literatura moçambicana aquele escritor considera que a maioria dos afeiçoados às letras no nosso país não têm outra escolha senão o português, que é a língua oficial, pois as línguas nacionais na sua esmagadora maioria ainda não podem ser cientificamente estudadas e faladas pelas crianças e jovens que são, afinal, os escritores do amanhã. Como escritores, como apaixonados pela arte de escrever, cabe-nos escrever na língua portuguesa».